

## Os invisíveis n’O olho da rua: o jornalismo literário e a visibilidade midiática dos socioeconomicamente excluídos<sup>1</sup>

Diélen dos Reis Borges ALMEIDA<sup>2</sup>

Gerson de SOUSA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### Resumo

Esta pesquisa investiga se o jornalismo literário confere maior visibilidade midiática a temas e sujeitos excluídos do jornalismo tradicional e da sociedade, por exemplo, os relacionados à velhice, aos conflitos por terra e à vida na periferia. O *corpus* selecionado é a reportagem *A casa de velhos* do livro-reportagem *O olho da rua*, de Eliane Brum. A metodologia utilizada é a análise do discurso francesa, a fim de observar a construção discursiva dos sujeitos envolvidos na produção jornalística: jornalista e fontes. Conclui que o texto jornalístico literário de Eliane Brum concede maior visibilidade aos excluídos, por meio de uma construção discursiva do sujeito em oposição ao outro.

**Palavras-chave:** jornalismo literário; (in)visibilidade midiática; Eliane Brum; O Olho da Rua.

### 1 Introdução

Todo dia é assim: gente trabalhando, lutando, sorrindo, envelhecendo. Morrendo. Sujeitos de carne e osso, igualmente diferentes, amando e brigando com a realidade. Ocasionalmente, há um ataque terrorista, cai um avião ou a Igreja troca de papa. Mas é a sucessão de ações comuns, de homens e mulheres simples, que põe carne no esqueleto da vida. No jornal, lê-se o mundo pequenas pirâmides invertidas; na TV, assiste-se à vida em um minuto e meio. Homens são números, mulheres são estereótipos. O jornalismo narra a vida? Talvez seja preciso um pouco de literatura para dar conta da realidade. O jornalismo literário (JL) ascende como perspectiva de um retrato do cotidiano com os requintes que lhe cabem. A prosa poética de Eliane Brum é paradigma, inspiração e objeto de pesquisa.

Dissecamos nosso objeto por meio da análise do discurso. A amostra colhida é representativa de uma identificação: reportagens do olho da rua, protagonizadas por pessoas e temas que não estão nos holofotes do jornalismo convencional. Invisíveis no palco midiático, excluídas social e economicamente. Nesse contexto, esta pesquisa nasce de dois

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante recém-graduada do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), aluna do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU, email: dielenrb@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), email: g.sousa1971@hotmail.com.

assuntos delimitados em um tema a partir do seu entrecruzamento: JL e a (in)visibilidade midiática dos indivíduos socioeconomicamente excluídos. Temos, logo, o seguinte problema: seria possível que o JL fosse na contramão do fazer jornalístico tradicional e do agendamento de temas sensacionais e desse maior visibilidade midiática àqueles que são excluídos da agenda de preocupações da sociedade? Se sim, como o faz? Por visibilidade midiática, entendemos o ato de tornar público um conteúdo noticioso; por maior visibilidade, que isso ocorra de maneira profundamente apurada e cuidadosamente relatada. Não propomos a quantificação da recepção.

Toma-se como objeto uma reportagem do livro-reportagem *O Olho da Rua: uma repórter em busca da Literatura da vida real*, da jornalista Eliane Brum, que reúne dez reportagens sobre parteiras, merendeiras, prostitutas, favelados e outros personagens que raramente protagonizam textos jornalísticos. Seria este um exemplo de como o JL proporciona visibilidade aos excluídos? Estes excluídos têm voz no discurso jornalístico literário de Eliane Brum? De que forma são retratados?

Esta pesquisa é justificável, no âmbito científico, por contribuir com os estudos relacionados ao JL, um gênero que envolve as Letras e a Comunicação. No mercado editorial, o JL vem ganhando admiradores e espaço nos últimos anos. O escritor Tom Wolfe (2005, p.8) considera que “a Literatura mais importante escrita hoje na América é de não-ficção”. A Companhia das Letras lançou, em 2002, uma coleção intitulada *Jornalismo Literário* que reúne célebres textos, como: *A sangue frio*, de Truman Capote; *Hiroshima*, de John Hersey; e *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*, de Joel Silveira. No mesmo ano, os jornalistas Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas e outros criaram a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, que oferece cursos de pós-graduação na área. Em 2006, o documentarista João Moreira Salles e o jornalista Luiz Schwarcz lançaram a revista “piauí”, que se configura, hoje, como referência em JL no Brasil.

Na esfera da cidadania, este estudo se justifica por tratar da (in)visibilidade midiática de indivíduos e temas excluídos da agenda de preocupações da sociedade. Avançar nas pesquisas sobre JL é colaborar para que este modo de fazer jornalismo seja bem compreendido por pesquisadores e profissionais da área, para que possam enxergar a possibilidade de informar rompendo técnicas dos textos pré-moldados.

Nosso objetivo geral é investigar se o JL é capaz de dar maior visibilidade aos indivíduos e temas excluídos da mídia comum e da sociedade. Os objetivos específicos são: evidenciar as características do JL; verificar se e como o JL aborda temas diferentes dos que geralmente são pautados no jornalismo convencional; averiguar a presença (ou não), no JL,

do discurso de indivíduos socioeconomicamente excluídos; pesquisar se existem e quais são os instrumentos que o JL utiliza para dar visibilidade a indivíduos e temas excluídos da grande mídia; analisar quais são os temas e sujeitos abordados no livro-reportagem *O Olho da Rua*; examinar quais são as ferramentas utilizadas neste livro para evidenciar temas e indivíduos excluídos da mídia comum; refletir se o JL, ao supostamente dar visibilidade a temas excluídos da grande mídia, é capaz de contribuir para a inserção desses temas na agenda de preocupações da sociedade.

## 2 O jornalismo literário como incremento do ofício

O simples acréscimo do adjetivo “literário” ao substantivo “jornalismo” gera algumas dicotomias: realidade/ficção, objetividade/subjetividade, imparcialidade/parcialidade, técnica/dom. Uma história contada na forma de JL é verdadeira? O jornalista é narrador observador, narrador onisciente ou narrador personagem? Valendo-se das figuras de linguagem, o jornalista e comunicólogo Felipe Pena (2006) usou como metáfora uma estrela de sete pontas para definir o JL, com cada ponta representando uma característica:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13).

O JL outorgou fama e reconhecimento a escritores como Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, John Hersey, Euclides da Cunha e Eliane Brum. Mas nem todos concordam com o nome “jornalismo literário”. Brum receia que o adjetivo provoque distorções de sentido no substantivo:

Por um lado, acho curiosa a necessidade de atribuir ao texto jornalístico qualidades “literárias”, como se, ao deparar com um bom texto jornalístico, fosse preciso “promovê-lo” a algo mais elevado. Por outro, ao classificarmos um texto como literário podemos induzir à interpretação de que os detalhes da narrativa são ficcionais – resultado da imaginação e não de uma apuração exaustiva. (BRUM, 2006a).

Falar de JL, inevitavelmente, leva ao *new journalism* norte-americano da década de 1960. Um de seus fundadores, conhecido pelo estilo irônico, é Tom Wolfe (2005, p.32), que publicou seus anseios: “Os leitores choravam de tédio sem entender por quê. Quando chegavam àquele tom bege pálido, isso inconscientemente os alertava de que ali estava de

novo aquele chato bem conhecido, ‘o jornalista’, a cabeça prosaica, o espírito fleumático, a personalidade apagada. Os quatro recursos básicos do novo jornalismo registrados por Wolfe são: “Reconstruir a história cena a cena; Registrar diálogos completos; Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem” (PENA, 2006, p. 54).

O JL se funda na pretensão de ir além do jornalismo convencional e, por isso, almejamos dissecá-lo na tentativa de confirmar uma ideologia com a qual concordamos: “não se pode escrever nada com indiferença”, da filósofa feminista Simone de Beauvoir. Essas pretensões ousadas poucas vezes cabem nas páginas espremidas dos jornais ou nas seções apressadas dos portais de notícias, mas fazem seu lugar em revistas e nos livros-reportagens. Nada é mais literário que o livro.

## **2.2 Livro-reportagem, o jornalismo perene**

No Brasil, o primeiro livro-reportagem é de 1897, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que cobriu a Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Essa obra, hoje é um clássico da literatura brasileira; porém, gastou-se um século de história contada em jornais, revistas, rádio e TV para os livros-reportagens ganharem relevância no Brasil.

O jornalista brasileiro tomou gosto para valer pela reportagem em livro já no final do século XX. Os anos 1980 são recheados de relatos sobre os bastidores da política e da economia nacional – precisamente os setores da sociedade que mais mudaram. Parte desses relatos esteve contemplada pelas publicações periódicas, mas a necessidade de aprofundamento, as terríveis dimensões de eventos como a ditadura militar e a abertura política proporcionaram espaço para a publicação de inúmeras reportagens em livro. (BELO, 2006, p. 32).

Livro-reportagem é termo com ares de autoexplicação: reportagem no formato de livro, livro que traz reportagem(ns). É isso e um pouco mais. Belo (2006, p.41) acredita que, “em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico [...], não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos”.

O caráter não-periódico e o grau de amplitude superior da reportagem são as características do livro-reportagem destacadas por Edvaldo Pereira Lima. Essa amplitude superior diz respeito à “maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à

combinação desses dois fatores” (LIMA, 2009, p.26). E assim, o livro-reportagem seria capaz de dar maior visibilidade a sujeitos invisíveis no jornalismo convencional? De que forma esses sujeitos são construídos discursivamente no livro-reportagem? Para responder a essas e outras questões que permeiam esta pesquisa, recorreremos à análise do discurso.

### 3 A análise do discurso como opção metodológica

A dúvida foi lançada por Michel Foucault (2008, p. 30): “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”. Analisar as construções ideológicas na linguagem constitui a Análise do Discurso (AD), que analisa a linguagem em curso e o que ela revela. A AD de linha francesa – com a qual trabalhamos – surgiu na década de 1960 e não se detém a um estudo puramente linguístico. Considera os aspectos externos à língua:

[...] além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na sociedade. (BRANDÃO, 2012, p.20-21).

O discurso não é língua, fala ou texto, embora precise de elementos linguísticos para existir materialmente. O discurso é exterior à língua, encontra-se no social, “referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2008, p. 13). É um exercício de análise da construção de sentidos:

Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens. [...] Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. (FERNANDES, 2008, p. 15).

Compreender a realidade pelo discurso requer conceitos como *ideologia*: “uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica”, que se materializa na linguagem (FERNANDES, 2008, p. 21). Os aspectos ideológicos, históricos e sociais que envolvem o discurso são suas *condições de produção*:

[...] conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso. No sentido mais estrito, diz respeito à situação de enunciação que compreende o eu-aqui-agora; num sentido mais amplo, compreende o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto que estão tratando. (BRANDÃO, 2012, p.22-23).

Condições de produção específicas determinam uma *formação discursiva*, referente ao que pode ser dito apenas em uma determinada época e espaço social. “Trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica” (FERNANDES, 2008, p.48-49). A formação discursiva relaciona-se diretamente à *formação ideológica*, o “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166 *apud* FERNANDES, 2008, p.49) e “têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si” (BRANDÃO, 2012, p.23).

Inserido nessas formações discursiva e ideológica, o *sujeito* se constitui marcado pela historicidade, pela relação identidade/alteridade e pela interação eu/outro. A capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso é chamada de *subjetividade*. O sujeito situa-se em um contexto sócio-histórico e “divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo” (BRANDÃO, 2012, p.26). O sujeito discursivo compõe-se de diferentes vozes com origens em outros espaços sociais, característica nomeada de *polifonia*, e a presença dessas vozes confere ao sujeito a *heterogeneidade*, a qual pode ser mostrada, quando a presença de outras vozes é explícita no discurso, ou não-mostrada, quando as vozes estão implícitas (FERNANDES, 2009). O dialogismo é princípio básico da linguagem, na concepção de Bakhtin, que propõe um sujeito social – nós – constituído na multiplicidade e na *interação* do “eu” com o “outro”:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. [...] A compreensão é uma forma de diálogo, ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra [...]. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1979, p. 117-118 *apud* BRANDÃO, 2012, p.33).

As noções de interdiscurso, ideologia e formação discursiva, para Orlandi, “encapam” o não-dizer. “Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz ‘x’, o não-dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de ‘x’” (ORLANDI, 2001, p.82). O discurso é feito, inclusive, de silêncio.



### 3.1 Por que observar os “invisíveis”?

Que histórias são construídas e contadas por homens e mulheres comuns? A partir dessa reflexão, no decorrer do trabalho, partimos para outras: Quais ideologias se manifestam em seus discursos? O JL lança luz sobre esses invisíveis?

Eu conto a história cotidiana, das pessoas, dos homens e das mulheres que constroem o país, mas que em geral não são ouvidos, não têm sua história contada. Eles são a maioria, mas é como se eles não existissem, porque as pessoas que são notícias são outras. Então, a minha provocação, com os invisíveis, quando eu digo que sou uma repórter de desacomodamentos, é uma provocação de o que e quem é notícia, pelo Jornalismo tradicional. (BRUM *apud* BAZZO, 2011, p.69).

Na busca por olhar de maneira insubordinada a realidade, Eliane Brum – e outros escritores de JL – pautam o homem comum e o cotidiano, conceituado por José de Souza Martins, pesquisador que argumenta a favor de que a compreensão da realidade passe pela visão do periférico, embora isso seja um desafio:

De um lado, o herói deste enredo é o homem comum, fragmentado, divorciado de si mesmo e de sua obra, mas obstinado no seu propósito de mudar a vida, de fazer História, ainda que pelos tortuosos caminhos de sua alienação e de seus desencontros, os difíceis caminhos cotidianos da vida. De outro lado, a complexidade do problema está no modo anômalo e inacabado como a modernidade se propõe num país como o Brasil e na realidade descompassada desta nossa América Latina. Nosso enigma é hoje o enigma da captura desse homem comum pelos mecanismos de estranhamento de uma cotidianidade que exacerba a mutilação de nosso relacionamento com nossas possibilidades históricas e mutila a compreensão dos limites que cada momento histórico nos propõe. (MARTINS, J. S., 2000, p.12).

A ideia é que o todo concreto só pode ser explicado pelo insignificante que reside nos extremos. Paradoxalmente, os simples exigem explicação científica mais consistente: “O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta.” (MARTINS, J. S., 2000, p.13). A vida cotidiana é o ponto de referência para as novas esperanças da sociedade e o homem comum é o novo herói, pois neste mundo habitam vontades individuais que fazem a força dos movimentos sociais (MARTINS, J. S.).

Homens (e mulheres!) simples estão n’*O olho da rua*: parteiras, velhos, garimpeiros, desempregados, merendeiras e outros “invisíveis” são protagonistas das reportagens, o que não é regra no contexto midiático, é exceção, como atesta Nunes Martins:

O discurso da imprensa não favorece os grupos étnicos minoritários, antes ele opera, contribuindo, a seu modo, para o fortalecimento e a reprodução do racismo, na medida em que exclui ou minimiza a visibilidade desses grupos na cena pública, não prioriza questões de interesse dessas minorias ou vincula-os sistematicamente à falta de instrução, à pobreza, à violência, à perturbação da ordem etc. Sendo a mídia em geral e a imprensa em particular uma arena de luta política de primeira grandeza, as minorias estão em desvantagem no processo de participação política. (MARTINS, N., 2006, p.5).

Diante dessa necessidade de se compreender o real por meio do conhecimento do homem simples e de seu cotidiano, num contexto em que eles estão invisíveis na mídia massiva, encontra-se a hipótese de que o JL pode revelá-lo na sua complexidade.

#### **4 Eliane Brum: a repórter em busca da literatura da vida real**

A matéria jornalística é pensada, buscada e ganha forma nas mãos de sujeitos que, como todos os outros, têm história, memória, valores e cultura. Refletir sobre a produção de um jornalista é pensar também o sujeito que produz: quem é, de onde vem, para onde vai? Eliane Brum nasceu em Ijuí (RS), em 1966. Com nove anos, começou a escrever “para suportar/elaborar a dor de viver” (BRUM, 2010). O pai reuniu os escritos da filha e os transformou no livro *Gotas da Minha Infância* quando ela tinha 11 anos. Incomodada com a exposição de suas “vísceras”, a menina parou de escrever, mas voltou na adolescência. A produção de texto foi interrompida mais uma vez quando ela foi mãe – aos 15 anos. A filha estava com dois anos quando Eliane Brum teve de se mudar para Porto Alegre para estudar Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS). Quatro anos depois, a jornalista recém-formada buscou a filha que estava com os avós e começou a vida de “foca”.

Vivi momentos duríssimos. [...] Às 5h30 da manhã acordava minha filha e pegávamos dois ônibus até a escola. Às vezes eu tinha de colocá-la por cima do muro, porque precisava pegar mais três ônibus para ir até o jornal, onde eu começava às 8h. Ela ficava lá, sozinha, com seis anos. [...] Eu não tinha família em Porto Alegre. Éramos só nós duas. Mas o que eu vivi é o que a maioria das mulheres de periferia vive. (BRUM, 2010).

Esteve a ponto de desistir da faculdade de Jornalismo, mas o professor Marques Leonan a convenceu de era “a melhor profissão do mundo”. Conquistou um estágio no jornal Zero Hora, onde trabalhou por 11 anos. Em 2000, foi para São Paulo ser repórter da revista *Época* e chegou ao cargo de editora e, até 2013, colunista. Atualmente, tem uma coluna no site do jornal espanhol *El País*, além de produções independentes. Publicou quatro livros-reportagem – *Coluna Prestes: o avesso da lenda*; *A vida que ninguém vê*; *Olho da Rua*; e *A menina quebrada* –; é coautora do livro *Dignidade!*, sobre a organização



Médicos Sem Fronteiras; codirigiu dois documentários, *Uma história Severina* e *Gretchen Filme Estrada*, e escreveu o romance de ficção *Uma Duas*. Já recebeu mais 40 prêmios.

O olhar e a escuta são defendidos pela repórter como os requisitos mais importantes de uma reportagem, a qual deve ser o contrário da tese – quando o jornalista sai pronto para a rua, apenas para confirmar a pauta. Brum (2011) admite a influência da psicanálise e afirma que o jeito mais cretino de ver os outros é ver só os estereótipos, uma vez que “todas as vidas são igualmente diferentes”. As histórias de gente comum são suas melhores pautas, numa atitude oposta ao jornalismo clássico: “o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal” (BRUM, 2006b, p.187). O olhar insubordinado só pode ser lançado quando se mergulha na realidade:

Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro entre um repórter e o seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha pra ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas. (BRUM, 2006b, p.190).

Numa crítica ao ofício do repórter, Brum declara que parte do jornalismo tem sido tanto vítima e quanto cúmplice de uma verbosidade, uma excessiva valorização da palavra dita. “O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série. [...] O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito. [...] Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido” (BRUM, 2006b, p.191). No acervo literário de Eliane Brum, escolhemos *O Olho da Rua* para leitura mais atenta.

#### **4.1 O livro-reportagem *O olho da rua***

O olho pichado em um muro velho, na capa de *O olho da rua* é um forte indício do que o leitor encontra nas 422 páginas: a vida pelo olhar de gente comum, pobre, velha, da rua. A jornalista é gente na rua. O olhar dela, em suas próprias palavras, é o “olhar insubordinado”, aberto como o da capa do livro. Em vermelho, o subtítulo promete: “uma repórter em busca da literatura da vida real”, que nos interessa nesta pesquisa.

A coletânea traz dez reportagens publicadas na revista *Época* nos anos 2000. Depois de cada matéria, há um texto inédito em que a repórter revela bastidores da apuração, reflete sobre seus erros e analisa o jornalismo como profissão. *A floresta das parteiras* conta como acontecem os nascimentos no Amapá. *A guerra do começo do mundo* revela a disputa pela terra em Roraima. *A casa de velhos* narra o desfecho da vida no asilo. *O homem-estatística*

é alguém à procura de emprego e dignidade para a família. *O povo do meio* luta para sobreviver na Amazônia. *Expectativa de vida: vinte anos* abre-se em duas partes: *O sobrevivente*, único menino que não foi morto entre os 17 que aparecem no documentário *Falcão – Meninos do Tráfico*, e *Mães vivas de uma geração morta*, que testemunham a perda dos filhos para o tráfico. *No Brasil do Zé Capeta* revela o garimpo no Eldorado do Juma. *Um país chamado Brasilândia* é uma favela onde se ama muito. *O inimigo sou eu* é um mergulho interior da repórter em um retiro de meditação. *Vida até o fim* começa com *A enfermaria entre a vida e a morte*, onde histórias de doentes incuráveis se encerram com cuidados paliativos, e fecha o livro com *A mulher que alimentava*, sobre os últimos 115 dias de vida de uma paciente terminal. Trata-se, pois, de um livro-reportagem-antologia, que:

Cumpra a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros. Podem ser as reportagens, sobre os mais diferentes temas, [...] mas que têm em comum um gênero jornalístico ou uma categoria de prática do Jornalismo. (LIMA, 2009, p.57).

Sobre *A casa de velhos*, a autora declara: “é uma das minhas reportagens preferidas – e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito, porque errei feio” (BRUM, 2008, p. 124). Por isso e também por ser uma das maiores e mais densas, para a qual a repórter se internou junto com as fontes, selecionamos *A casa de velhos* como corpus de nossa análise<sup>4</sup>.

## 5 O discurso na reportagem *A casa de velhos*

Quão invisíveis podem se tornar os sujeitos que vivem em asilos? Asilados, isolados, retirados do convívio social, constroem sua própria sociedade entre paredes, as quais os mantêm invisíveis até mesmo para os consanguíneos. Só os vê quem transpõe os muros – do asilo e da invisibilidade – e é isto que a jornalista Eliane Brum faz: interna-se na Casa São Luiz para a Velhice por alguns dias.

Nas condições de produção que envolvem uma apuração jornalística, de um lado, fala o profissional jornalista – cujo lugar é de quem ouve o discurso de outrem a fim de reproduzi-lo o mais fiel, imparcial e impessoal possível – e de outro lado fala a fonte – que ocupa o lugar de fornecedor de informações e pontos de vista, os quais vêm à tona de acordo com o direcionamento feito pelo jornalista, o “outro” ativo, sim, coparticipante da

---

<sup>4</sup>Este artigo é resultante do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação com 66 páginas, no qual foram analisadas três reportagens: *A casa de velhos*, *A guerra do começo do mundo* e *Um país chamado Brasilândia*. Para transformá-lo em artigo, optou-se por manter a análise de apenas uma reportagem.

comunicação verbal (BRANDÃO, 2012, p.33). No texto *A Casa de Velhos*, entrecruzam-se o discurso da jornalista Eliane Brum e o das fontes: velhos internados em um asilo. Embora os lugares de cada um estejam marcados, a jornalista propõe diluir as fronteiras entre ela e suas fontes ao se internar na Casa. Ela está no texto. As suas marcas de subjetividade são características do JL e evidências de que ela é sujeito do seu discurso, por vezes, opinativo: “Há algo de trágico no portão de ferro da Casa São Luiz para Velhice. Melhor que a maioria, a instituição é limpa e cheia de mimos. Igual a todas, é o último endereço, abrigo inventado para esconder os que não têm lugar no mundo” (BRUM, 2008, p.86).

A jornalista descreve o que ouve, vê e percebe e não hesita em dar o seu parecer – indicativo de sua formação ideológica. Como no trecho em que conclui, comovida e comovente: “A velhice rica pode ser mais doída, porque feita exclusivamente de perdas” (BRUM, 2008, p.110). A subjetividade escancara-se no emprego dos verbos *dicendi*, que dão de ombros para os manuais de redação jornalística. Mais que dizer ou afirmar, em *A Casa de Velhos*, os sujeitos “pensaram”, “suspeitaram”, “descobriram”. Um “convence-se”, outro “murmura”. Há os que “decidem”, “desejam”. E quem “confidencia”, “sonha”, “lamenta”, “reedita”. Em comum, os protagonistas da narrativa são sujeitos que tiveram que se sujeitar: “Vieram, quase todos, sem escolha” (BRUM, 2008, p.90). São sujeitos da voz passiva em orações cujos agentes são “outros”: “*Foram deixados ali porque outros decidiram que o tempo deles acabou*” (BRUM, 2008, p.85-86, grifos nossos).

A narrativa contrapõe o tempo presente com o passado dos velhos e mostra a transição no lugar que os sujeitos ocupam: “da época em que tinham as rédeas da vida nas mãos e mãos que não falhavam ao agarrar o corrimão da escada. ‘É só por um tempo, até você se recuperar’, diziam os parentes. E, pela última vez, fingiam acreditar.” (BRUM, 2008, p.90). A ideia de ausência de querer e poder, no discurso de algumas fontes, está explícita: “Tive de aceitar minha impotência. Não tenho mais competência física para andar lá fora” (BRUM, 2008, p.93).

O discurso de Brum é revelador das formações ideológicas dela mesma e de suas fontes – algumas vezes, em conflito. Nas entrelinhas é possível ler o desapontamento diante da divisão de classes que se instaurou na Casa, reflexo da vida injusta que há fora dela:

Quem nunca conseguiu comprar um lugar só seu no mundo ocupa uma das quarenta camas gratuitas de um dormitório arejado, mas coletivo. São operários, empregados do comércio, costureiras, lavadeiras, domésticas. Como lá fora, entre os pobres e os ricos há uma longa escadaria. E as camas que abrigam sono e sobressaltos são diferentes. (BRUM, 2008, p.87)

Conforme avançamos na leitura, a reprovação ao comportamento dos velhos que apartaram os pobres dos ricos dentro das casas fica mais explícita:

Já houve um refeitório para todos, mas logo se descobriu que nem na velhice os ricos querem se misturar com os pobres. [...] O refeitório foi fechado, e as refeições passaram a ser servidas nos nichos que cabem a cada classe para que a fome alheia não ofendesse os olhos de ninguém. Por própria conta os moradores que não estava ali por caridade decidiram reeditar *o que há de pior no mundo* que deixaram. (BRUM, 2008, p.95, grifo nosso).

Brum (2008, p.86) faz críticas à sociedade atual, que prolonga a vida, mas não a valoriza: “encurralados entre o avanço da medicina que permitiu que chegassem até ali e uma sociedade que só dá valor à juventude”. Na sua formação ideológica, cabe a reprovação à negação da velhice por meio de cirurgias plásticas e o repúdio aos eufemismos, na opção pelo substantivo “velhos” no lugar de “idosos”. Por que essa palavra e não outra em seu lugar? O jornalismo politicamente correto substitui “velho” por “idoso”, “terceira idade”, “melhor idade”, na tentativa de atribuir relevância a esses indivíduos pela relação com a juventude. Brum, em contrapartida, opta por “velhos”, discurso revelador de uma formação ideológica que reconhece os problemas da velhice: abandono, doença, degradação física e exclusão social. Para esse discurso, existe outro de quem não reconhece a si ou ao outro como velho e nomeia como idoso ou terceira idade, revelando pelo discurso que reconhece apenas o acúmulo de anos vividos, ou pior, o discurso de melhor idade que fantasia uma situação incoerente com a realidade, certamente financiada pelo mercado que enxerga possibilidades neste público-alvo cada vez mais longo – companhias de turismo, casas de festas, etc. O discurso da jornalista, também constituído pelo discurso de suas fontes, numa heterogeneidade mostrada, abre aspas para a velha que se nomeia como tal:

“Eu não gosto que me chamem de idosa. Sou velha mesmo!”, diz a centenária Maria Prado, com uma boca que dispensou dentes e cinismo. “Onde é que já viu velha bonita? Pode ser triste, conformada ou alegre. Alegre mesmo penso que não tem nenhuma. Há as conformadas e as menos conformadas. Mas bonita, nenhuma.” (BRUM, 2008, p.99).

A caracterização dos sujeitos é também marcada por posições que se opõem socialmente: [...] é habitada por doutores e comerciantes, empresários e intelectuais. (BRUM, 2008, p.87). Há uma heterogeneidade constitutiva no discurso da repórter que também diz por meio de um discurso de orientação materialista histórica, que denuncia a luta de classes. Esse conflito existe na casa de velhos porque existe fora dela e o dêitico “como lá fora” evidencia a ideologia da jornalista que percebe a desigualdade social e a denuncia em suas reportagens (BRUM, 2008, p.90).

Além do espaço, entram em conflito o tempo passado – em que eram ativos e felizes – e o tempo presente – em que não há dignidade: “Chegaram à idade em que todo fingimento é descartável como um apêndice. Talvez por isso seja tão conveniente permanecerem trancados lá dentro” (BRUM, 2008, p.100). Apontar que os velhos são a lembrança do futuro de todos e que essa lembrança é incômoda situa a velhice como problema social. “Os pés cansados não são mais capazes de alcançar o ônibus onde o motorista bufa de impaciência ‘com esses velhos que não pagam e ainda atrasam a gente’” (BRUM, 2008, p.93). Um problema de todos, mas como qual nem todos querem lidar.

## 6 Considerações finais

Muitas foram nossas perguntas. São elas que movem a ciência. Respondemos algumas aqui, outras em pesquisas futuras, outras são retóricas. As primeiras indagações nos levaram a uma hipótese: o JL confere maior visibilidade midiática a temas e indivíduos excluídos do jornalismo convencional e, por conseguinte, da agenda de preocupações da sociedade, e o faz por meio de uma apuração aprofundada, com espaço para o discurso desses sujeitos, e de uma linguagem mais rica, com recursos da literatura. Partindo de um grande universo jornalístico-literário, concentramo-nos na amostra da reportagem *A casa de velhos* do livro *O Olho da Rua*, de Eliane Brum, a fim de analisar seu discurso e encontrar – ou não – maior visibilidade dos temas e indivíduos obscurecidos na mídia e na sociedade.

A reportagem analisada cumpre as sete metas do JL: potencializa os recursos do Jornalismo, por meio de uma apuração profunda, com imersão da repórter no contexto de apuração; ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos, abordando-os sem as limitações do *deadline*, expondo a relevância do que é ordinário; proporciona visões amplas da realidade porque reconta histórias conhecidas sob a ótica de personagens que não costumam ser ouvidos, como os velhos; exerce a cidadania porque cobre questões sociais, de interesse público, como o que fazer com a crescente população de idosos; rompe as correntes do *lead* ao utilizar uma linguagem literária, que abre espaço para descrições, figuras de linguagem e outras técnicas; evita os definidores primários, pois ouve os velhos de asilo, diferentes das fontes oficiais mais comuns. Por fim, garante perenidade e profundidade aos relatos pelo tratamento apurado, que universaliza temas e personagens. O que seria um caso de velhos abandonados em um asilo de São Paulo são as angústias da velhice sentidas em qualquer parte do mundo. Os temas d’*O Olho da Rua* não nos arrebatam como em algum programa de TV dominical fantástico ou espetacular. Os

personagens não são pobres aos prantos como os dos assistencialistas de auditório. São sujeitos tão reais que nosso olhar subordinado desacostumou de enxergá-los.

Logo no começo do trabalho, lançamos algumas dicotomias do JL: realidade/ficção, objetividade/subjetividade, imparcialidade/parcialidade, técnica/dom. As reportagens analisadas nos revelaram que o JL é sobre realidade, mas modifica o real como qualquer tipo de interferência. A decisão de contar a história já é modificá-la. Em seu embate mais direto com o jornalismo convencional, despreza a objetividade e, na figura do jornalista e das suas fontes, constrói um relato subjetivo sobre histórias que são de protagonistas no cotidiano. O JL refuta o mito da imparcialidade, e faz questão de contar isso para o leitor. Pode ser aprendido como técnica, que Brum define como “o olhar e a escuta”, que faz dela narradora observadora. Em alguns momentos, a narradora se torna personagem, ainda que coadjuvante, e de tanto olhar e escutar parecia onisciente.

Quando focamos microscopicamente no discurso, encontramos sujeitos que se definem numa oposição ao outro: velho *versus* novo (em *A casa de velhos*); favelado *versus* morador da cidade, roraimense *versus* migrante (em outras reportagens do livro). As fontes diante da jornalista estavam diante do outro. Eliane Brum era jovem diante dos septuagenários da casa de velhos. Em sua estratégia de esvaziar-se para encher-se da história do outro, captou essa construção discursiva de suas fontes e a transferiu para o texto. Diante desse discurso, o leitor desacostumado a olhar ou escutar o outro – porque não o faz nem diretamente nem mediado pelo jornalismo – tem dois caminhos: ou se enxerga na oposição ao outro ou se enxerga como o outro. Enxerga o que estava invisível.

O JL concede maior visibilidade aos socioeconomicamente excluídos? Aos velhos, às mulheres, aos pobres, aos índios, aos favelados? Concede. Ao mergulhar profundamente em suas histórias e traduzi-las em uma linguagem em que se permitem as construções criativas, sem o engessamento de pirâmides e *leads*, proporciona ao leitor a visão do outro – que pode, inclusive, ser ele mesmo.

## Referências

BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos invisíveis**: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum. 2011. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: A experiência Vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.



BRANDÃO, Helena Nagamine. Conceitos e Fundamentos: Enunciação e construção de sentido. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006b.

\_\_\_\_\_. Eliane Brum - a colecionadora de prêmios. Entrevistador: Eliane Martins. Rio de Janeiro: **ABI Online**, 05 fev. 2010. Entrevista concedida ao site da Associação Brasileira de Imprensa. Disponível em <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=3610>>. Acesso em 09 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. O olhar e a escuta: em busca do personagem singular. Oficina ministrada no XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. São Paulo, 13 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. Qual é a do jornalismo literário? **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 out. 2006a. Caderno Cultura, p. 7.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FIGARO, Roseli. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MARTINS, André Ricardo Nunes. Imprensa, minorias e análise do discurso – um espaço de construção da democracia. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, vol. 8, 2006/7. Disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/viewArticle/1244>>. Acesso em 20 abr. 2012.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**: Cotidiano e História na Modernidade Anômala. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RECH, Marcelo. Prefácio: A vida que ninguém vê como eu a vi. In: BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução de Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.

WOLFE, Tom. **Radical chique o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.